

Stadium

N.º 375
8 - Fevereiro - 1950
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



BENFICA 1-BELFENSIS 1— Apesar do mau tempo, a assistência seguiu interessadamente a partida que decorreu no Campo Grande. O Benfica atacou, e Júlio teve boas oportunidades que, aliás, foram desperdiçadas, ou por culpa própria ou pela intervenção de Caetano, ou pelas dificuldades provocadas pela lama. Esta fotografia é uma imagem verdadeira.

TEM LIMITES

SE o exemplo fosse de hoje não seria de estranhar? Porém, quando remexemos nas nossas recordações e lembramos o que se tem passado com os Mistos — nada de comparar com as Selecções Nacionais que são grupos mais ou menos estruturados e com uma direcção definida — a hamos verdadeiramente incompreensível o que se passou no Estádio Alvalade.

Porque a responsabilidade parece-nos ainda maior por recair em dois grandes clubes, aqueles que se guem na vanguarda do futebol português e tão claros são da sua responsabilidade. Se se tratasse de dois agrupamentos de somenos importância, ou de partita para cá das nossas fronteiras, sem horizontes, ainda seria de admitir o que se passou.

Nada disso! Todos sabíamos, e esses grandes clubes melhor do que nós próprios, que os desafios com as equipas argentinas, embora de clubes se tratasse, representavam mais alguma coisa do que simples partidas de futebol. Tanto assim que, batido o Racing de Buenos Aires, logo ele quis explorar a revanche, afastando-se um pouco do plano de negócios, para limpar ou suavizar uma derrota que ele sentia no seu corpo como ferro em brasa. Felizmente o Benfica não cedeu.

A nada disso se atendeu no último negócio luso-argentino, colocando de um lado uma equipa que se estrejava em Lisboa — talvez inferior ao Racing e S. Lorenzo, mas, no fundo, uma equipa caracteristicamente homogénea — e do outro um Misto Benfica-Sporting, em conjunto inferior ao team do Benfica ou do Sporting, com a agravante de não ter rumo nem norte. Era uma coisa à deriva.

Podia e devia ter-se dado um laivo de verdade a esta equipa de dois tons, encarregando um técnico qualquer, e já não dizemos um dos poucos supras que existem neste País onde tudo se consente, de organizar o Misto, ou, então, estando ele organizado, de lhe dar coesão, moral, disciplina em campo. Mas tal não se fez, e assim não se procedeu. Os jogadores entram na rivalidade sem uma ideia definida, um plano previamente estabelecido, uma palavra de ordem, e os resultados não podiam ser mais catastróficos.

Desde a entrada tardia no recângulo às substituições, incompreensíveis, do segundo tempo, consentiu-se tudo numa afirmação de quem não faz uma ideia média ou vulgar do que é o futebol. O público, sentindo-se logrado, resignado, em conformidade, chegando a achar bem a vitória dos B's no maior desnível de bolas que os argentinos conseguiram em Portugal.

O mais curioso e estranho do caso é que os clubes já tinham revolido na fantasia dos seus gabinetes fechada às realidades a substituição dos seus elementos, levando em conta que estes se conservavam já extremamente extenuados e no convencimento, aliás, exacto, de que se torna indispensável a sua economia de forças e energias. Quere dizer, tendo em mira apenas o lucro os organizadores esqueceram-se do aspecto desportivo, que é a base sobre a qual devem assentar todos os raciocínios ou combinações.

Dir-se-á que a derrota é o óprio do desporto, mas acrescentaremos que se deve perder com dignidade, e o mesmo é que afirmar, fazer tudo para ganhar, e não podendo ser, para perder com honra.

O princípio foi afetado. O Misto perdeu sem honra nem glória, sujeito aos caprichos dos dirigentes que, julgando servir os seus teams, lançaram mais um punhado de terra sob o futebol português. O negócio com os argentinos contra a regularidade do Campeonato Nacional, e o desafio contra o Misto, em troca de magros esuados, colocou-nos mal. Old Boy, ri-se, ou sorriu. A lição não é nova, mas repete-se cada vez com mais força. Poderá encerrar-se sempre a hipótese destes Mistos, mas não deve deixar-se a sua organização nem os seus cuidados ao sabor da inspiração e da graça de dirigentes de boa vontade, mas menos avisados ou conhecedores da matéria. E' caso para dizer: Basta senhores. E' demasia tol! — TAVARES DA SILVA

DUAS ANEDOCTAS

No banquete oferecido pelo Benfica e Sporting às duas equipas argentinas, Racing e S. Lorenzo, todos os lugares e principalmente os do meio de honra, estavam marcados. Mas alguns dos argentinos sentaram-se nos lugares que eram destinados aos presidentes dos clubes da Primeira Divisão e a outras entidades, no mais completo desprezo pelo protocolo.

Um dirigente do Benfica fez-lhes notar a falta, obtendo como resposta:

— Esses senhores que se sen-

tem no outro lugar qualquer. Nós sentimo-nos aqui muito bem...

Resposta:

— S' é assim que se usa lá na Argentina está certo!

No Boletim do Sporting conta-se que Stabile, o orientador técnico do Racing, referindo-se a Travassos — o jogador que mais lhe agradou — perguntou qual era o vencimento dele. Informado, teve esta saída:

— Joga tanto e ganha tão pouco.



P. 1o Jornalista Desconhecido

CONTA-GOTAS

Quando esta revista sair para a rua está a efectuar-se o segundo treito — já ninguém se recorda do primeiro! — da selecção portuguesa. Foram convocados os seguintes jogadores: Azevedo, Barros, Cónaric, Jesus Correia, Vasques e Travassos (Sporting); F.lix, Fernandez, Moreira, Francisco Ferreira, Rosario e Rogério (Benfica); Virgílio, Carvalho e Alfredo (Porto); Cavale e P. Chico Nogueira (Admiral); Fernando Calado e S. Fim (Boavista); Fernando Cabrita (Olhanense). Dos 33 convocados resistiram 21 jogadores, mas as provas sucessivas vão reduzir sensivelmente ainda o lote. O número dos convocados indica que os dois grandes Benfica e Sporting, são a base. É difícil abrir brecha na lista desses dois. Mas os que não foram chamados e se sentem com valor por a prestação de provas não devem desanimar. A sua vez há de chegar e o Mundo dá muitas voltas. Apesar de se haver afirmado que, hoje, fica constituída a selecção...

Na assembleia geral do Sporting — um éxito para os dirigentes e especialmente para o sr. dr. António Ribeiro Ferreira — o presidente do clube salientou que a festa feita ao jogador Fernando Peyroteo não se podia considerar de despedida, mas sim de homenagem, acrescentando que o referido elemento podia ainda continuar a servir o Sporting.

Parece-nos absolutamente indispensável e pouco em conformidade com a verdade fazer-se um puto jogo de palavras para tornar possível o regresso de Peyroteo. Ninguém o verá com mau olho, a não ser talvez o próprio interessado...

A Federação Espanhola resolveu conservar no cargo de treinador o espanhol Benito Diaz. Os jogadores concentram-se já em 20 de Março, às ordens do treinador, sem outras excepções que não sejam as de alinhar em nos seus clubes quando estes os considerarem imprescindíveis, para voltarem ao ponto da concentração a 26 de Março. Nessa reunião, a Federação tratou da possível deslocação ao Rio de Janeiro, salientando-se que não se olhrá a menos nem a condições para pôr a Selecção nas melhores condições possíveis de rendimento. Esta afirmação é o menos. O mais são os treinos e a própria preparação. E o mais fácil de dizer é afirmar o que diz em todas as Federações: Queremos uma selecção forte e bem preparada! Quem dirá!

O senhor Jules Rimet parece ter dito em Espanha que o melhor que poderia fazer-se seria implantar obrigatoriamente em todos os países uma instituição como a Mutualidade de Futebolistas Espanhóis. A instituição que tem já uma obra notável e é acastanhada por todos os organismos procura agora cobrir os riscos das doenças profissionais. Não sabemos se há razões para se entrem meios à perfeição da instituição, mas a sua utilidade torna-se evidente. Em tempos falou-se em Portugal de uma coisa semelhante. De quando em vez volta a tocar-se no assunto, mas ele morre um pouco perante a indiferença geral. Dizem-se meia dúzia de palavras de bom recorte, e fica-se por aí. Até um dia...

Eduardo Teus, conhecido crítico espanhol, dá a entender a opinião do italiano Barasi sobre as eliminatorias para o campeonato do Mundo.

«Barasi, diz ele, com uma lógica que não admite réplicas, entende que o sistema comodista de agrupar conjuntos nacionais, pela sua proximidade geográfica na Europa, enfrentando-se nações irmãs e de contacto contínuo e ruidoso em antagonismos desagradáveis, com jogos onde existe paixão demorada.

Hoje em dia, dada a facilidade de transportes por avião, não existem distâncias, e, como tal, não há necessidade de se accentuarem rivalidades, como o caso de Portugal e Espanha, cuja presença (dos dois) no Rio de Janeiro podia ser muito conveniente.

A não terem que se eliminar, entre si, fica uma grande dose de possibilidade a favor de ambos, e que no caso presente se volta contra cada uma delas, ao lutarem uma contra a outra...

Por outras palavras, pode dizer-se que no Rio de Janeiro não comparecem as 16 melhores equipas, porque nesse número se poderia sem dúvida incluir Portugal e a Espanha. O México, por exemplo, cuja selecção ainda outro dia perdeu contra uma equipa espanhola por muitos gols, está apurada e a Espanha e Portugal, dois valores sensivelmente iguais, não o estão. Trata-se, pois, de um agrupamento deficituoso, e bem faz a Federação lutar pela sua inclusão. O sistema de eliminatorias proposto não tem uma base lógica e suscita inensas dúvidas...

O BARREIRENSE confia nas instâncias superiores

para a construção de um estádio que satisfaça as suas necessidades

segundo declarou à «Stadium» numa sensacional entrevista o novo presidente do clube, sr. dr. João Manuel da Costa Figueira

DESDE que, há algumas épocas atrás, o Futebol Clube Barreirense foi forçado a abandonar a companhia dos «grandes» do futebol para se remeter ao quadro dos clubes mais «modestos», todos os bons desportistas da laboriosa vila ribeirinha da margem esquerda do Tejo — pujante «capital» das indústrias fabris — passaram a viver o sonho de algum dia fazerem retornar o clube à posição de prestígio outrora alcançada com muita persistência e esforço.

E bem merecia o Futebol Clube Barreirense que assim viesse a suceder. Sem-no, não bem como nós, todos os que conhecem a história do desporto em Portugal. Porque algumas das mais vivazes e coloridas páginas desse mesmo historial foram argemassadas com a colaboração dedicada, firme, esgoifca, do clube por cujas fileiras primárias passaram, e se fizeram, muitas das glórias imperecíveis do futebol nacional.

A tarefa, silenciosa e persistente, de pretender reconduzir o Futebol Clube Barreirense à sua posição de prestígio no conserto das colectividades desportivas portuguesas, se têm entregue, com um carinho que nem um só barreirense pode desconhecer, algumas vontades estioladas na fúbre do triunfo. E alguma coisa se conseguiu.

Do caminho total a vencer, quanto falta, porém? Cremos que muito. Mas os desportistas barreirenses sentem, entretanto, que o ano de 1950 marcou a uma etapa decisiva na vida do seu clube — último um. E sentem-no desde há dias. Desde que na última assembleia geral do Futebol Clube

Barreirense decidiram colocar à frente dos destinos do clube o sr. dr. João Manuel da Costa Figueira, um barreirense dedicado como os que o sabem ser, amante da sua terra, e vibrante paladino das aspirações desportivas do Barreire.

Esprito meço e desempoierado, culto e estudioso de todos os problemas que assobstbam o espírito humano, apaixonado pelas causas do desporto desde os bancos da escola, o sr. dr. João Manuel da Costa Figueira, impõe-se pelo seu porte moral, pela sua conduta irrepreensível de homem que sabe o que quer — porque bem escolhe o caminho que há-de trilhar. Por isso a sua eleição foi acertada — diz-se no Barreireiro.

Homem público de notável valor — todos os barreirenses o conhecem de quando ocupou espinhoso e difícil cargo na vida pública do distrito de Setúbal — é de crer que o novo presidente do F. C. Barreirense possa pôr ao serviço do seu clube a experiência que possui á cerca do trato com os homens, dando, enfim, à laboriosa população da ribeirinha vila do Tejo a satisfação dos seus mais legítimos anseios desportivos.

Por tudo isto foi que decidimos ouvir para os nossos leitores e novo presidente do clube mais popular do Barreire. E valemonos, para o efeito, da nossa posição junto do sr. dr. Costa Figueira, da amizade que nos devota, e de que muito nos orgulhamos.

A princípio, houve o pedido da natural escusa. Compreendemo-lo — é cedo para afirmações, quando apenas se vem de tomar



O sr. dr. Costa Figueira, actual presidente do Barreirense, transmite ao nosso prezado colaborador, Rosa de Matos, as suas impressões sobre a vida dos grands clubs do Barreireiro

conhecimento mais fmdo da situação interna do clube.

Mas insistimo. E a resposta á primeira pergunta veio por fim, abrindo caminho ás restantes.

— Como centro futebolístico de renome, continua o Barreireiro a manter o fogo sagrado do passado, que tanto o celebrisco?

— Absolutamente. O Barreireiro continua, há já, como ontem, a ser es «viveiro» famoso donde saem as grandes vedetas do futebol português. E note, quando digo Barreireiro quero dizer Barreirense. Este club, a que tenho a honra de presidir pela primeira vez, e para o qual converge a simpatia de quase toda a população local, não pode esquecer o seu passado glorioso, inteiramente devotado á causa desportiva. E' esse passado que maiores responsabilidades dá ao club: no presente, procurando assim uma valorização que o possa reconduzir de novo á posição perdida.

— Confia no acesso do Barreirense á Divisão maior?

— O meu clube, como sabe, está qualificado para a segunda fase do Nacional. Possui uma equipa jovem, bem trabalhada, e que está jogando um futebol cujo padrão vem de longe, do tempo de Augusto Sabbo. Claro que tudo dependerá da felicidade e do talento dos seus atletas. O Barreirense confia na sua boa estrela, e na tenacidade dos seus jogadores, que sentem as glórias e a desfortuna do clube como de coisa sua. E este sentimento é uma arma poderosoa...

— Lançados no «tiroel» de per-

guntas, quizemos auscultar os anseios do sr. dr. Costa Figueira. Por isso inquirimos:

— Quais são, no momento, as aspirações do club?

— Entusiasmado, o nosso amável interlocutor foi pronto na resposta:

— A grande aspiração, aquela que prende e domina todos os barreirenses, é a de que o clube volte a ocupar o lugar que por direito lhe compete, isto é, alinhar de novo ao lado dos grandes, donde saíu por um golpe do destino, aquela fatal incerteza que é característica do desporto vivido... A Primeira Divisão continua a constituir um objectivo aliciante, e o Barreirense, sem quebra de entusiasmo, galvanizado

(Continua no págin 7)

Ano VIII — 11 Ser e — N.º 373
Lisboa, 8 de Fevereiro de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31187 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



Os Corpos Gerentes do Futebol Clubs Barreirense, acompanhados do sr. governador civil de Setúbal, no momento de serem recebidos pelo sr. ministro das Obras Públicas, a quem entregaram o projecto do gindio em construção naquela vila

Factos notáveis da 16.ª Jornada

A possibilidade de Benfica e Sporting par-a-par — Atlético em lugar de honra!

FOI incompleta a jornada de domingo passado. Por causa da chuva não se disputou o desfil. de Guimarães, entre o Vitória e o Sporting da Covilhã.

Nos outros desfilos verificaram-se estes resultados:

Benfica..... 1 — Belenenses.. 1
Sporting... 6 — Olhanense.. 0
Atlético.... 2 — Académica.. 1
Elvas..... 4 — Braga..... 1
Estoril..... 2 — Setúbal..... 5
Lusitano... 3 — Porto..... 1

Todos estes resultados tiveram consequências directas na tabela de classificação — cada vez mais complicada cá para baixo. Benfica mantém 2 pontos de avanço, mas deve esclarecer se que tem sobre o Sporting um jogo a mais. Se os dois vencerem este desfilo em atrazo (com o Lusitano) si estarão a par os dois eternos rivais! E' uma variante...

Agradável, sob todos os aspectos, a posição do Atlético. Eis uma equipa que não se imbrê pela presença de muitos ases. E, antes, um steama onde p'ira bem firme a ideia do conjunto e onde se revela a secção do esportol Areso, antigo internacional. O Atlético galgou ao 3.º lugar, ultrapassando a Associação Académica, agora a fazer companhia a Belenenses e Vitória de Setúbal.

Os capas negras têm vindo a baixar, mas apesar disso a sua situação é ainda boa. Repare-se que se trata de um grupo que esta época regressou à 1.ª Divisão e que foi tocado pela varinha das interdições, sendo obrigado a jogar num campo contra sua vontade. Belenenses recupera a clivaz visitos. Muito curiosa a classificação do Vitória de Setúbal, que apresenta a particularidade de nos oferecer recuperação brilhante depois de uma temporada em que roçou a desfilida. O facto reflete a preparação física a que os sujeitos o professor Serradas Duarte.

Mas o futebol de Lisboa mostra-nos um Estoril no penúltimo lugar, atravessando uma crise que parece duradoura. Como vai longe aquele tempo em que era um regalo ver jogar o steama da Costa do Sul Também em 1918 49 vi nos o lisboet Atlético em precária posição. Tão precária que só no ultimo dia do Campeonato, indo ganhar a Vila Real, manteve o seu lugar na Divisão. P'derá o Estoril fazer o mesmo? Ainda acreditamos...

Cavado um verdadeiro fosso entre os dois da frente e os restantes clubes, a luta continua ardente para as posições secundárias e, sobretudo, para a fuga dos lugares chamados da zona perigosa.

Os jogos de domingo deram-nos a reabilitação da defesa be-



Caetano, o guarda-redes suplente não se transforma em efectivo, dada a classe de Séri. En todo o caso, o rapaz tem valor para vencer. Das lhe ponha a virtude

lenense. A qualquer dos grupos faltou sorte, parece, e ainda que tenha havido alguns desfilos de a bitragem, a falta de remate dos dianteiros encarnados esteve na base do empate, na verdade algo inesperado. E' curioso observar que em dois domingos os avançados de Benfica apenas marcaram duas bolas, comprometendo o labor da defesa e as possibilidades do steama ganhar o campeonato. Tudo poderá, nesse sentido, depender do segundo desfilo com o Sporting.

Os leões não encontraram dificuldades. O Olhanense, completamente desentendiado, com um ataque inofensivo, limitou-se a por tons arregados na defesa. Na primeira parte a avacada dos lisboetas teve movimentos semelhantes aos que lhe deram fama — e proveito... Juca, o novo medio, salentou-se outra vez. Eis um valor que desponta e que se firmará quando o rapaz tiver pernas para noventa minutos. O que, por ora, não sucede. O candidato a internacional Brita não podia distinguir-se num onze desmantelado. Curiosa a exibição do velho Gr zins, decididamente um prodígio de longevidade, ainda chegará aos 50P...

No Sporting j'ou Carlos Leandro. F'z, por vezes, recordar o pai, que foi o famoso Zé Leandro, extremo e defesa que tinha dinamite nos pés, um homem às di-reitas!

Lusitano cometeu boas prozas. Ganhar ao F. C. do Porto, que tem todo o trio defensivo convocado para treinos de selecção — é muito bom. Para efeitos de classificação, foi mais que bom. Optimo. Ainda há uma réstea de esperança! O Porto entrou bem. Foi batido pelo entusiasmo dos algarvios.

Exc' ante o triunfo atlético. Repetimos: um steama de boas unidades, ligado, com chama clubista, onde a coesão é o segredo.



Juca, o novo medio do Sporting, começa a destacar-se em termos de se tornar notado. Uma boa aquisição

A Académica bateu-se bravamente. Como de costume. Mas talvez que fora do seu ambiente se tenha sentida a desfilida. Se o desfilo se efectuasse em Coimbra, é natural que o triunfo não lhe tivesse escapado!

Em Elvas os raios tinham necessidade de uma vitória. A equipa alentejana não está ainda muito firme na Divisão, até porque são pequenas as defesas. Pode suceder que um triunfo leve um steama dos últimos postos para os segundos primeiros. Queremos dizer; para aquele lote que fica situado para cá do... fuso! Os avançados elvenses estiveram em dia inspirado. Mas foi tarde que tão expressivo êxito se desenhou em traços fundos.

Deixamos para o final, propositadamente, o jogo do Estoril. Por muito que queiramos considerar a primorosa carreira dos sadinos, não podemos ficar indiferentes ao descalabr. estorilista. Perde em casa, perde fora, e a sua queda impressiona. Razões da crise que avassalou o steama? Desconhecemos-las. Apenas queremos registar o factor, que se estranha até porque no onze há elementos para melhor. Descrença? Talvez! Como já dissemos acreditamos na reacção.

Classificação geral

	CASA					FORA					TOTAL				
	J	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Benfica.....	16	7	2	—	36-7	5	1	1	16-8	12	3	1	52-15	27	
Sporting.....	15	7	—	1	34-7	5	1	1	23-8	12	1	2	57-15	25	
Atlético.....	16	4	4	—	22-10	2	1	5	5-17	6	5	5	27-27	17	
Académica.....	16	6	—	3	27-19	—	4	3	8-14	6	4	6	35-33	16	
V. Setúbal.....	16	6	1	—	21-12	1	1	7	15-30	7	2	7	36-42	16	
Belenenses...	16	4	2	2	14-17	1	4	3	9-13	5	6	5	23-30	16	
F. C. Porto...	16	6	—	1	22-6	1	1	7	12-29	7	1	8	34-35	15	
Sp. da Covilhã	15	5	2	—	18-9	1	1	6	16-36	6	3	6	34-45	15	
Sp. Braga....	16	5	1	1	22-6	1	—	8	13-26	6	1	9	35-32	13	
o Elvas.....	16	6	1	2	20-15	—	7	5-18	6	1	9	25-33	13		
V. Guimarães.	15	5	2	1	23-12	—	1	6	6-24	5	3	7	29-36	13	
Olhanense...	15	5	2	1	23-12	—	1	6	6-28	5	3	7	29-40	13	
Estoril.....	15	1	2	4	7-15	1	4	3	15-25	2	6	7	22-40	10	
Lusitano.....	15	4	1	2	17-11	—	—	8	9-30	4	1	10	26-41	9	

Domingo, 17.ª jornada: Belenenses-Académica (0 3); Olhanense-Benfica (1 5); Atlético Elvas (0 1); V. Setúbal-Sporting (1 5); Porto-Estoril (0-1); Sp. Covilhã Lusitano (1 3) e Braga-Guimarães (1 3).

ARCADIA DANCING DE LUXO

Extreou-se com êxito a gentil bailarina espanhola

ANITA LUCENA

e a insinuante vedeta do baile espanhol

Carmen Olivares

Num grandioso programa de atracções internacionais com o célebre

BALLET SKIBINE

brilhante conjunto coreográfico constituído por 8 formosas francesas

E ainda: Anita de Montilla • Carmen Pletas • Hermonas G y acas • Mary Moly • Carmelita de Cardoba • Angeles y Mirche • Luisa Roy • Tory Sanders e Estrellita Diaz

Música concertada pelas orquestras

CARAVANA e ARCADIA

com a ajuda da rádio espanhola JUANITA CUENCA

A'manhã — Sensacional BAILE DE MASCARAS

CORTA-MATO

Sporting, Belenenses e Benfica partilharam os títulos

Os corredores lisboetas de corta-mato não têm sido este ano favorecidos pelas condições atmosféricas: chuva, vento, frio, acompanharam-nos em quase todas as saídas e ainda no domingo os seniores disputaram grande parte do percurso do seu campeonato sob chuva torrencial.

Previsões naturais nestas competições de inverno e que mais valorizam o esforço dos atletas; o terreno enlameado dificultou a corrida e favoreceu as quedas, pondo à prova qualidades de resistência e estoicismo.

No percurso habitual dos terrenos anjos ao Estádio Nacional, agravado com a subida pela estrada que circunda a instalação de terra, em voltas calculadas em 2.000 metros, mas que deviam ser menores, mais de meia centena de corredores disputaram os campeonatos regionais das suas categorias, representando os três principais clubes adeptos da modalidade.

Foram trinta os juniores (Sporting 17 em duas equipas, Belenenses 7 e Benfica 6) e de 6.000 metros a distância por eles percorrida. Dividido o Sporting os seus representantes em duas equipas, regista que sempre tem sido concedida pelos dirigentes, mas nos parece de dever por não estar de acordo com as normas regulamentares destas provas. O primeiro deve ser o mesmo pelo qual nos torneos em pista se nega ao clube a possibilidade de inscrever duas equipas na mesma categoria.

A prova, dividida em três voltas ao percurso foi rivelmente disputada; ao fim da primeira volta, em 6 m. 18 s., passaram à cabeça, Faria, Cabral, Aquiles e Augusto Silva, com a equipa belenense bem agrupada e adiantada ao bloco sportingista, que se deixara surpreender pela decisão adversária.

Na volta seguinte, em 6 m. 42 s., Faria e Silva destacaram-se, mostrando o benfiquista maior autoridade; vêm distanciado, Rodrigues, Gil, M. Guedes, Cabral, F. Guedes, Simões e Donald.

Os principais do Sporting procuram já suprir o desfalque do seu elemento dos juniores, agravado pela desistência de Aquiles e Vieira, aos três quilómetros. Era tarde, porém.

À meta chegaram, sucessivamente: Augusto Silva (Bf.), em 20 m. 12 s.; Manuel Faria (Sp.), em 20 m. 23 s.; Alvaro Rodrigues (Bf.), em 20 m. 24 s.; Gil Mendes (Bf.), 20 m. 30.2 s.; Mário Guedes (Bf.), em 20 m. 46.2 s.; José Simões e Donald Monteiro (Sp., ambos); A. Cabral, F. Guedes, M. Gonçalves, todos do Belenenses e mais outros concorrentes.

Por equipas: Belenenses, 35 p.; Sporting, 40 p.; Benfica, 54 p. e Sporting B, 81 p.

A prova dos seniores foi um cavalheresca de Filipe Luís, seguido por outro isolado, José Araújo. A característica da corrida foi a grande diversidade de valores dos participantes; só Conde, Gomes e Carvalho lutaram entre si, como vamos ver.

1.ª volta: 5 m. 40 s., Filipe Luís; Araújo a 10 s.; Conde, Carvalho, Lourenço e Gomes.

2.ª volta: 6 m. 3 s., Filipe Luís; Araújo a 12 s.; Gomes e Conde a 12.8 s.; Carvalho, Afonso, Branco e Nogueira. Lourenço desistiu, queixando-se do tornozelo esquerdo.

5.ª volta: 6 m. 12 s., Filipe Luís; Araújo a 25 s.; Gomes e Conde a 38 s.; Carvalho a 50 s.; Marques a 58 s., Gonçalves, Nogueira, Branco e Guedes.

4.ª volta: 6 m. 18.5 s., Filipe Luís; Araújo a 31 s.; Gomes a 50 s.; Conde a 57 s.; Carvalho, etc.

Classificação: Filipe Luís (S), 32 m. 16.4 s.; Araújo (Bf.) 32 m. 54.4 s.; F. Carvalho (Sp.) (ganhou dois lugares na última volta), 33 m. 13.2 s.; M. Gomes (Bf.), 33 m. 24.8 s.; Alvaro Conde (S), 33 m. 29 s.; Afonso Marques (Sp.), M. Gonçalves (Bf.), J. Branco (Bf.), Eusébio Lucas (Bf.) e mais nove concorrentes. Desistiram cinco homens do Sporting (toda a equipa B) e um belenense.

Por equipas: Sporting, 9 p.; Benfica, 12 p. e Belenenses 24 p.

Filipe Luís fez excelente prova e pareceu-nos em boa forma, assim como Araújo e Carvalho. Outros, como Conde, Quaresma e Marques denotaram escassez de treino, corrigível até ao Nacional.

Para futuro, o regulamento da prova precisa de ser modificado, no sentido de ser a classificação das equipas feita para cinco corredores e não três, como actualmente.

SALAZAR CARREIRA



A equipa do Sporting constituída por Filipe Luís, Fernando Carvalho e Aloisio Conde, vencedora do Corta-Mato na categoria dos Seniores



O benfiquista Augusto Silva chega primeiro na prova de Corta-Mato dos juniores



O valoroso corredor sportingista Filipe Luís concluiu vitorioso o Corta-Mato dos seniores

A Seleção prepara-se...

Está marcado para o próximo dia 26 um desafio-treino da possível Seleção de Portugal contra o Racing, campeão da Argentina. Trata-se de uma equipa que já foi vencedora por um clube português (Benfica), e isso diminui um tanto ou quanto o valor da experiência.

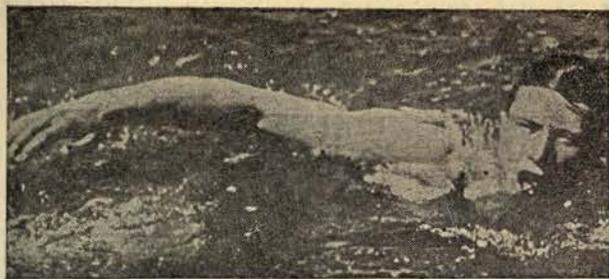
Todavia, os objectivos da iniciativa não se descobrem lá muito bem. Como se diz que os jogadores já estão escolhidos, a partida não oferece grande interesse neste ponto de vista. Afirmando-se que a coesão da equipa nacional (declarações de Salvador do Carmo) deve ser adquirida em treino, com teams de fraca categoria, isto é, que permitam toda a ordem de evoluções, também se não descobre a razão da iniciativa. Pelo contrário, o desafio poderá ter consequências funestas no espírito dos jogadores. Quer se diga, pesando os prós e os contras, fica-se na dúvida sobre o mérito da iniciativa, que, mesmo no ponto de vista económico, talvez não alcance grandes proveitos.



Os belenenses concorrentes ao Corta-Mato de juniores que conquistaram o campeonato regional

De TAYLOR a FURUHASHI

ou a progressão do recorde mundial dos 1.500 metros



Taylor, o famoso nadador inglês que obteve em 1908 o primeiro recorde homologado na distância de 1.500 metros, durante os Jogos Olímpicos de Londres

O primeiro recorde homologado pela Federação Internacional, na distância de 1.500 metros, data de Julho de 1908, ano da fundição do dito organismo. Foi obtido pelo nadador britânico Taylor, no decorrer da IV Olimpíada, disputada em Londres.

Comparando os 22 m. 48 s. conseguidos nessa altura com os actuais 18 m. 19 s. de Furuhashi, observamos a grande melhoria conseguida nessa distância: quatro minutos e meio no espaço de quarenta e um anos. Excelente progresso, mas tam-

bém, sem dúvida, magnífico campeão, o sueco Arne Borg, já que do progresso verificado a ele se deve 65%, pois que, dos 22 m. de Hodgson, levou o 1.º lugar em duas sucessivas, até 19 m. 72 s., sendo assim o que maior impulso deu a esta distância.

Como que a activar a evolução de Borg interveiu o australiano Charlton, que conseguiu interpor-se-lhes nos Jogos Olímpicos de Paris, creditando-se de 20 m. 6,6 s. Dois anos volvidos, a classe do extraordinário nadador sueco voltou a imperar quando o bateu com 20 m. 4,4 s.

para, em Setembro de 1927, baixar novamente o recorde em cerca de um minuto. A fantástica marca — 19 m. 7,2 s. — foi obtida no decorrer dos campeonatos europeus, disputados em Bolonha. A história dessa corrida converteu-se em lenda; não se podendo determinar ao certo se houve algum exagero. Na manhã desse dia, Borg tomou parte nas eliminatórias da estajeta de 4 x 200 metros-livres, e também num encontro de «water-polo».

Diz-se que durante o desloco recebeu um rude golpe na cara que lhe causou além disso forte dor de dentes. Em consequência disto, quando à tarde se apresentou para disputar a final dos 1.500 metros-livres, encontrava-se num estado de grande irritação. Partiu como se fora correr unicamente 100 metros. Pissou nesta distância em 1 m. 3 s., o que já nos dá uma ideia da sua velocidade, e todo o público pensou que não chegaria a cobrir o total da prova.

Os 400 metros passou-os em 4 m. 56 s. «tempo» realmente extraordinário, se se considerar que o recorde dessa distância possuía-o ele mesmo com 4 m. 50,3 s., e em piscina de 25 jardas. É, pois, de imaginar a surpresa quando Arne Borg não só continuou, mas também que, a partir dos 800 metros, aumentou a sua velocidade, terminando o último hectómetro em 1 m. 13,2 s. Foi um recorde de tal qualidade que se manteve pelo espaço de onze anos, a pesar das inúmeras tentativas que contra ele se fizeram.

A maioria delas, por nadadores japoneses, tais como Kitamura, Makino, Negami, Iihara, Terada, os quais não lograram bom êxito, embora não tenham andado longe, pois todos rondaram 19 m. 15 s.

Em Agosto de 1933, Kitamura esteve à beira do almejado recorde, mas, traçando acentuadamente nos últimos 100 metros, ficou apenas a oito décimos da famosa marca de Borg. Negami, nos campeonatos japoneses de 1934, alcançou uma «performance» excepcional, não tanto pelo «tempo» total, mas principalmente pelas marcas intermédias. Acreditou-se que cairia o recorde, pois a partir dos 300 metros, os seus «tempos» eram muito bons.

Chyong assim com 10 m. 42 s. aos 800 metros; estava, pois,

nesse momento com cinco segundos menos do que Borg. Aos 1.000 metros o seu «tempo» converteu-se em recorde mundial. A sua velocidade porém havia decido um tanto, e a vantagem dada diminuía progressivamente para, aos 1.100 metros, estar por completo anulada. Desapareceu assim toda a possibilidade de êxito. Finalmente, em



O celebre japonês Furuhashi, cujas marcas na distância de 1.500 metros, o impõem como o maior nadador de todos os tempos.

1938, o Jipão viu os seus esforços compensados quando F. Anono logrou obter 18 m. 58 s. Depois, viu o largo parentesi o asonado pela guerra. Retomada a actividade, Furuhashi estabeleceu os seus 18 m. 37 s., que não foram considerados por não estar o seu país filiado na F. I. N. A. Ao ser admitido novamente no corpo internacional, o campeão japonês conseguiu uma prova de méritos semelhante à de Borg. O 18 m. 19 s., esperam a sua homologação.

Recoridas do Mundo de 1.500 metros (até 30 de Junho de 1949)

Nomes	Tempo	Nação	Piscina	Data	Lugar
H. Taylor	22 m. 48,4 s.	Inglaterra	100 m.	25-7-1908	Londres
G. R. Hodgson	22 m.	Canadá	10 m.	10-7-1922	Estocolmo
Arne Borg	21 m. 35,3 s.	Suécia	80 m.	8-7-1923	Gotemburgo
Arne Borg	21 m. 15 s.	"	110 jds.	30-1-1924	Sydney
Arne Borg	21 m. 14 s.	"	80 m.	15-7-1924	Paris
A. Chertton	20 m. 6,6 s.	Austrália	80 m.	14-7-1924	Paris
Arne Borg	20 m. 4,1 s.	Suécia	80 m.	18-8-1926	Helsinge
Arne Borg	19 m. 7,2 s.	"	80 m.	2-9-1927	Bolonia
F. Amano	18 m. 55,8 s.	Japão	80 m.	10-8-1938	Tóquio

PROBLEMAS DO FUTEBOL

As exigências do "diagonal"

As diagonais, que não é mais, no fim de contas, do que uma consequência e um inteligente aproveitamento da elasticidade do W.M., terá sido criada pelos brasileiros ou pelos austríacos?

A nossa dúvida tem alguma razão de ser depois do que ouvimos ao treinador do F. C. Wien (Vienna) que em Abril do ano passado veio jogar a Portugal.

Enquanto os brasileiros, ou melhor, os sul-americanos, pois os argentinos também adoptam o mesmo dispositivo, fazem recuar o médio esquerdo, quando forçados a jogar sobre a defesa, os austríacos procedem do mesmo modo, apenas com a diferença de ser o médio-direito que passa a ocupar o lugar do back desse lado, indo este tomar a posição que no jogo inglês compete ao médio-centro.

Na realidade, já o First nos havia dado essa indicação, através dos movimentos de R. Byck, vindo confirmá-la em Vienna, por intermédio de Stotz. (R. Byck e Stotz eram, como estarão recordados, os médios ou, se quiserem, os backs direitos de cada uma das citadas equipas austríacas...)

Verificou-se deste modo que a «diagonal» não deixou também de criar exigências especiais a um determinado jogador, embora houvesse atenuado um tanto as que o W.M. impoz a um maior número...

Se é o seu objectivo? O problema é vasto e dá origem a considerações que não cabem no âmbito de um único artigo. Por hoje, limitar-nos-emos a

frisar um dos seus aspectos trazidos à discussão pelos clubes argentinos que acabamos de ver.

Teriam os sul-americanos atentado mais profundamente na maneira de actuar do homem que, afinal, no seu próprio sistema não deixa de ser um médio-centro?

Parece-nos que sim. De facto, Gonzalez, esse extraordinário jogador que no team do S. Lorenzo desempenha as reais funções de médio-centro, deu-nos constantemente a ideia de um jogador comprometidíssimo da sua nova posição, actuando com uma consciência e uma permanência do lugar que faltou, evidentemente, aos homens austríacos investidos episódicamente nas mesmas funções.

E a diferença foi flagrante, tão flagrante, que Gonzalez jamais se confundiu com um defesa, mesmo nos momentos em que nele se transformou.

Por esta razão, mais do que por qualquer outra, de certo, o bloco defensivo dos argentinos conservou e manteve uma unidade que faltou, evidentemente, aos grupos vienenses.

Já no Racing o problema se revestiu de outra face.

Porventura, a ideia do médio-centro, relativamente ao processo «friso» da própria equipa, terá obedecido a um sentido mais simplista, mas errado. Neste erro tem caído outros, que julgam o W.M. um sistema de dar outro que não o jogo frio, terivelmente recto, objectivo.

ADRIANO PEIXOTO

A aspirações DO BARREIRENSE

(Continuação da pág. 3)

pela vontade dos seus associados, spolado como está na tenacidade dos seus atletas, bate-se denodadamente pela conquista dessa posição.

— E tem o clube capacidade para arcar com as responsabilidades do acesso?

— Sim senhor. O Barreirense tem a sua «máquina» montada desde os anos bons, em que andou em *maré alta*, junto dos melhores e mais representativos agrupamentos desportivos portugueses. A transição pouco será sentida. Além disso, o meu clube possui uma excelente equipa, com «reservas» de grande valor e futuro, o que nos dá uma certa tranquilidade pelo lado desportivo.

Somos curiosos, indiscretos, talvez. Mas a gentileza que nos estavam a ser atendidos permitiu tudo o «assédio».

Avançamos, por isso.

— O Barreirense tem, na ordem do dia, problemas instantes para resolver?

— Decerto que sim, e bem delicado. Entre todos, avulta o das suas instalações desportivas. O Barreirense precisa de um bom e moderno parque de jogo, que esteja de harmonia com as necessidades de expansão que hoje possui. Para esse efeito, o meu clube confia sobretudo na boa compreensão das instâncias superiores, sempre tão solícitas e atentas a todos os problemas relacionados com o desenvolvimento do desporto nacional — cuja intensa valorização nestes últimos anos tem sido noável.

— E como pensa a Direcção a que V. Ex.ª preside resolver tão magno problema?

— Apresentar dentro de pouco tempo a sua pretensão a quem de direito, certo de que a iniciativa merecerá acolhimento benévolo e compreensivo, e a questão do parque de jogos será uma consoladora realidade para o Barreirense, que o mesmo é dizer para o Barreiro. Se localidades, ainda que sedes de distrito, com populações muito inferiores a esta progressiva vila, e com um movimento desportivo incipiente, têm em construção magníficos estádios municipais — porque não havemos de contar com a generosa ajuda do Estado para este fim?

— Diz-se que o Barreirense tem o seu ginásio — sede em construção... — arriscamos.

Com um brilho de satisfação no olhar que bem traduz o seu entusiasmo, o sr. dr. Figueira elucida-nos:

— Sim, já está em plena construção e em fase adiantada, um ginásio — sede monumental, uma iniciativa arriscada e a todos os títulos notável, fruto de admirável dedicação clubista, de fé nos destinos da colectividade. A sua conclusão, por enquanto demorada, está orçada em cerca de quatro mil contos, e só dificilmente poderá ser uma breve realidade

se, tal como para o campo de jogos, o Estado não comparticipar nela com um importante auxílio material. O ginásio em construção, que é em si uma obra de arte, pelo seu desafogo e imponência de linhas, funcionará com uma cantina em anexo onde serão servidas refeições frugais às crianças pobres das escolas e estará sempre aberto a iniciativas estranhas ao próprio Clube, desde que visem fins benéficas. Isto é, uma obra magnífica de solidariedade social e absolutamente inédita entre nós.

— Espera assim o Barreirense...
— Criar as condições necessárias e óptimas ao seu pleno desenvolvimento. Numa terra laboriosa e activa como o Barreiro, um Clube com as características do Barreirense é em si um veículo de regeneração física e mental, que convém amparar — e o Estado não poderá, neste caso, mostrar-se insensível perante uma agremiação cujo ideal é o da sua valorização e a do povo que representa, servindo-se e servindo o País, integrando-se, assim, no movimento de renovação que caracteriza a hora presente. É este o meu pensamento e o pensamento do Barreirense.

Sentimos que era chegado o momento de encerrar a agradável conversação entretida com o presidente do F. C. Barreirense.

Pensamos, ainda, em mais uma pergunta — que seria a última. Mas consultando os apontamentos recolhidos, pareceu-nos melhor não insistir. Tivemos na mão a chave de ouro do nosso trabalho. E retiramo-nos.

ROSA DE MATOS

NÓS VALEMOS MAIS DO QUE SE PENSA

TRÊS anos de ausência, afastado por tanto das lides desportivas da nossa terra, aqui cheguei e tal como sucedeu a tantas outras que vi? Pessimismo! Pessimismo exagerado e absoluta descrença das nossas possibilidades, que, se bem que modestas, valem mais do que se diz...

Complexo puro de uma inferioridade que não tem razão de existir, e que, — pasmem meus senhores — senti arriscada no espírito dos próprios jogadores. Conheço erido por alguns que gostariam de nos ver praticar o melhor futebol do Mundo — que Deus lhes perdoe — e que à força de pessimismo, não querem convencer-se de que valem mais do que pensam.

A pesar dos desaires sofridos ante as equipas argentinas que ora nos visitaram, e que foram no entanto muito superiores aos consanguíneos em 1916, só porque perdemos, o público entusiasta, continuou a afirmar e até a fazer blague de uma inferioridade que se de facto existe no campo individual, honraria lado a lado — e por vezes com vantagem — na parte tática. Mas infelizmente nós somos dos tais que vemos a derrota das nossas cores como um desastre de grandes consequências futuras. Habitado ao contacto com as maiores e mais modestas equipas não só da América do Sul e Central, depois de termos visto na Europa os mais fortes conjuntos do velho continente, estamos bem conscientes das afirmações que fizemos quanto ao valor do nosso futebol. Não terel coragem para afirmar que

somos iguais ou superiores a brasileiros e argentinos, mas mal do futebol se lhe fusse resumido a esses dois centros, onde no presente se deve praticar o melhor «futebol» do Mundo. Mas, o confronto com bolivianos, peruanos, paraguaios, chilenos, cubanos, equatorianos, e lombianos e mexicanos, não tem contestação possível. Somos-lhes superiores em tudo, Técnica e taticamente. Os uruguaios que já por duas vezes ostentaram o título mundial, atravessam de há dois anos a esta parte, grande crise. No entanto, e pelo que nos foi dado ver há poucos meses em Montevideo, as suas equipas não sendo inferiores às nossas, são de categoria equivalente.

Por esse motivo o futebol Sul-Americano está hoje dividido em três grupos, a saber:

Brasil e Argentina no primeiro; Uruguai no segundo, e todos os outros na cauda do pelotão.

Ora como procederiam todos eles, que nós vimos no Rio de Janeiro em 1918, no campeonato Sul-Americano se pensassem como nós?

Se não olhassem à sua presença no Rio com espírito 100% desportivo, não mais teriam o Sul-Americano, campeonatos, Copas Roca, etc., etc. No final todos diriam como nós: «Não vamos porque não temos possibilidades victoriosas»...

Publico e seleccionador do Equador que andou perdendo de 10 para qualquer um com um sorriso nos lábios!

Em desporto, que fique mais uma vez gravado — o que menos interessa são os resultados. O consagrado entre países é e continuará a ser pelos tempos férreos o melhor meio de fomentar amizades. Com os jogadores de que dispomos podem os técnicos portugueses constituir uma Seleccionção, que no caso de estar presente no Campeonato Mundial, não envergonhará ninguém. Aspirações ao título não as temos; mas fiquem-nos a certeza de que não faremos essa tal má figura que muitos antecipam e apregoam.

Exceptuando a Inglaterra, Escócia, Itália e Brasil, contra todos os outros apurados podemos fazer bons resultados. Tranquilizem-se que não contaremos por derrotas, os jogos disputados. Olhem um pouco para os finalistas europeus e digam-nos qual e onde está essa superioridade manifesta. Já sabemos a quem se vão referir, mas antigamente eram as mãos espanholas que para amedrontarem os filhos lhes diziam que iam chamar o D. Nuno... H. j., logo que os nossos nascerem, dizemos-lhes, que vencer a Espanha em futebol é impossível. Mas os 4 a 1 de Tavares da Silva são o mais formal desmentido e estamos confiantes de que não será a última vez que isso suceda. O tempo o dirá...

CANDEIAS ALVAREZ

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O conjunto da Casa II Vaultier detentor do título máximo e vencedor do campeonato espanhol que, esta época, apesar de possuir um agrupamento de menor valia, demonstrou já poder continuar a figurar entre os primeiros. No 1.º plano de esquerda para a direita: — Arlindo, Carvalho, Nunes, António Santos e Sidónio. De pé: — Tamagnini, Silva Santos, Conceição, Silvério, António Costa e Jaime Costa

SPORTING
 não encontra
 dificuldades
 no
OLHANENSE



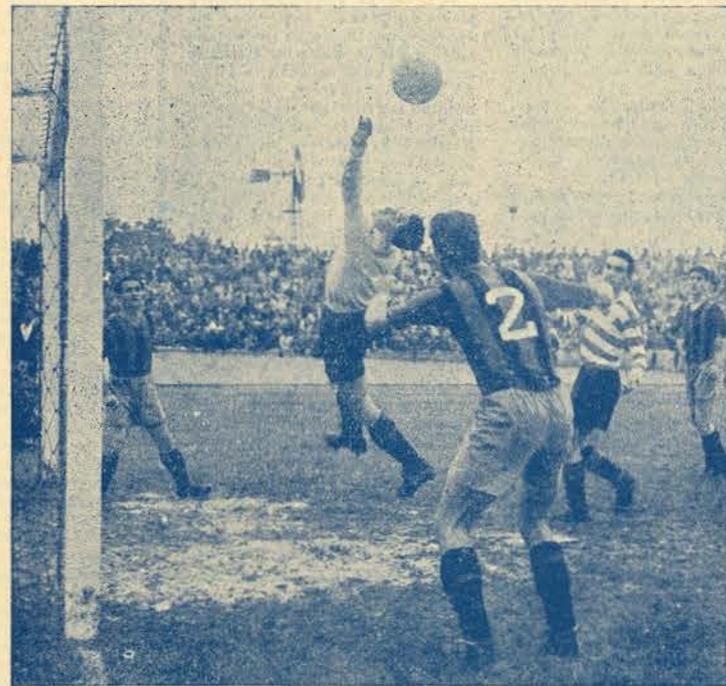
Mais um dos golos do Sporting, sem apelo nem recurso...



EM CIMA—Vasques correja e Wilson joga de cabeça, sendo batido pelo guarda-redes — que pode utilizar os braços... ♦ Travassos, em admirável estilo, passa e remata ao golo!



Um dos golos de Wilson, sem defesa possível. Abraão, na recarga, já está batido



O momento é de perigo junto das redes de Abraão. A bola sai para canto!



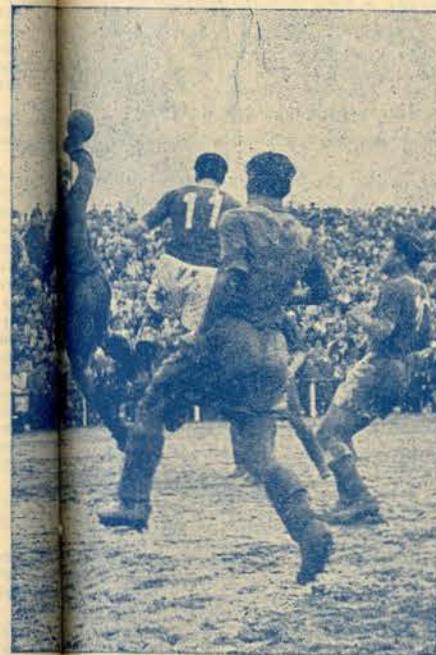
A LESÃO DE ABRAAO—O jogador do Sporting correja lealmente Abraão e este cai, em desequilíbrio, magoando-se no ombro. Faltavam 10 minutos para acabar a partida, e Abraão sai do terreno amparado pela solicitude da maçoagista do Sporting e dos seus companheiros, sob grande voação



BENFICA
 perde
 um ponto
 contra
BELENENSES



Marcação de um canto, Caetano agarra a bola e finda a jogada



EM CIMA—Gil e Rogério são batidos pela intervenção defesa de Belém! ♦ AO LADO — De cima ao baixo — Caetano, todo dobrado, executa a defesa de nada vale a perseguição de Arsénio! ♦ Abaixo prolege o seu guarda-redes a intervenção do adversário



A' ESQUERDA — Junto das balizas de Belém, a actividade é intensa. ♦ A' DIREITA — Rogério desenvolve uma fuga, mas não é suficientemente rapido para evitar o corte de Feliciano



PÁGINA DE COIMBRA

Os juniores do União



OS JUNIORES DO UNIÃO — Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Carlos Antunes, Pinão, Marques, Rui e Brar. No 2.º plano: José da Silva, Mário Cordeiro, Pina, José Maria, Enlílio, Costa, Joaquim Corvoelho, Orlando e o treinador Desidério Hertzka

A história dos juniores do União está ligada ao nome de um jogador que Tavares da Silva «internacionalizou» quando o escolheu para enfrentar a selecção italiana que no Porto venceu a nossa equipa representativa por 2-0. Esse jogador é José da Silva.

Abandonando a actividade, ao esboço de duas décadas de actuações brilhantíssimas, que fizeram um dos melhores médios-centro do futebol coimbrão, só o sucedido pelo dr. Teófilo Esquivel, hoje delegado da D. G. D. em Braga, José da Silva passou a dedicar-se de alma e coração à «escola» unionista.

Em breve os êxitos da sua acção estavam patentés, e os juniores do popular clube passaram a marcar posição de relevo nos campeonatos da A. F. C. Aos Académico-Sport, que foram nos primeiros anos os mais emotivos das provas, sucederam-se os Académico União, que têm hoje assistência e despertam tão grande entusiasmo como os desafios entre as equipas principais dos mesmos clubes, no tempo dos regionais.

A dedicação de José da Silva — que promoveu festas no sentido de obter fundos exclusivamente

Atletismo universitário

Por iniciativa do Centro Universitário da Mocidade Portuguesa volta a ser praticado o atletismo entre os estudantes. Hoje naquele Centro será apresentado aos inscritos o prof. Moniz Pereira que vai dirigir a secção e fará a exposição do seu plano de trabalhos.

destinados à própria categoria, instou junto dos sócios mais preponderantes, recrutando ele próprio os rapazes, dirigindo os treinos, prestando-lhes toda a assistência — tinha necessariamente de encontrar eco nas direcções do Clube». E assim aconteceu. Agora, no União, os juniores constituem uma preocupação de todos.

Desidério Hertzka, o treinador do União, e José da Silva, orientam os juniores com absoluta autonomia.

Do rendimento da «escola» falam já os jogadores espalhados pelas várias categorias, alguns deles mesmo incorporados no primeiro grupo.

Do passado... ...e do presente

Coimbra ficou sem ver os argentinos.

Mesmo assim o Old Boys teria jogado em Coimbra se não se verificasse a intransigência do Sporting de Braga quanto à data do seu encontro com o clube escolar, que este pretendia que se jogasse no dia 1 do corrente, e se joga no dia 31 do mês findo. Não foi possível o acordo e a oportunidade perdeu-se.

Mas os leões argentinos voltarão. Não será então altura de trazer qualquer deles ao Estádio Municipal?

♦ A viagem da Académica à Bélgica está assente. Os estudantes jogarão em Bruxelas nos dias 8, 9 e 10 de Abril, tomando parte

NOTAS SOLTAS

Quando pela primeira vez o ano passado se deslocou do campo de Santa Cruz para o Estádio Municipal o festival desportivo da festa da «Queima das Fitas», houve quem discordasse, alegando que se quebrava uma tradição.

Porém, o êxito dessa inolvidável «Tarde Desportiva» foi tão grande que a todos rendeu e colocou de acordo.

Na realidade, o Desporto ganhou tal projecção nesses encantadores e inconfundíveis festejos que, tendo a cidade passado a dispor de um parque atlético de tão vastos e notáveis recursos, seria limitar e circo escrever extremamente organizados que hoje constituem um dos maiores atractivos da «Queima das Fitas», mantendo-as no antigo campo da Associação Académica.

A comissão da «Tarde Desportiva» da festa que vai realizar-se em Maio próximo está já a trabalhar afanosamente na elaboração do respectivo programa.

Estuda-se a possibilidade de um encontro de futebol entre a Associação Académica e uma das grandes equipas esportivas, talvez o Celtic, talvez o Desportivo da Corunha, se não até o Real Madrid... E pensa-se na realização de um jogo de basquetebol, em que o «time» do clube escolar, campeão nacional, defronte outra equipa famosa. Porventura, haverá um festival de natalício, e na pista do Estádio não deixarão de correr magníficos atletas. E, fim, um festival desportivo de extraordinária repercussão, ao mesmo tempo que profundamente académico, que coloque em actividade nessa tarde, todas as secções da escolaridade da agremiação dos estudantes, numa demonstração de tudo quanto dispõe e vale o desporto académico coimbrão.

* * *

Os clubes elegeram os seus novos dirigentes.

Entre os eleitos, neste ou naquele clube, aparecem ao lado de nomes conhecidos e consagrados, muita gente que pela primeira vez surge no desempenho dos vários cargos.

A experiência de uns e o entusiasmo de outros há-de, necessariamente, produzir obra útil e valiosa.

Em necessidades estão os clubes de esforço conjugado de todos. Para a sua própria prosperidade e para desenvolvimento do próprio Desporto.

A obra dos clubes é condicionada por esse mesmo factor. Sem entusiasmo e sem uma fanda dedicação é impossível servi-los.

Estimos certos que os clubes escolheram os seus dirigentes como certos estamos de que estes saberão dedicar-se à obra clubista com a tenacidade e a perseverança que ela exige, impõe e obriga.

* * *

A assembleia geral do Sport Club Coimbrão aprovou voto de agradecimento ao sr. dr. Alberto Sá de Oliveira, presidente da Câmara Municipal.

Esse voto foi aprovado por aclamação. Justa homenagem, na verdade, esta do prestígio do clube e da sua massa associativa.

O Desporto e os clubes de Coimbra contam no sr. dr. Alberto Sá de Oliveira uma dedicação de todas as horas, pronta a servi-los e a colaborar com eles. A mesma assembleia aprovou outro voto de agradecimento à Associação Académica pela cedência do campo de Santa Cruz. Como aprovou ainda votos que louvam aos dirigentes das suas várias secções desportivas, entre os quais deverá destacar-se o dirigido a Artur Mariano, a quem o basquetebol dentro do Sport deve inestimáveis serviços.

num torneio internacional em que se apresentarão também a Real Sociedad de S. S. Bastian, o campeão belga Anderlecht e um misto de Racing e Union de Saint G. lois. A Académica fará a viagem de ida e volta em avião.

♦ No próximo domingo realiza-se em Coimbra o campeonato nacional de corta-mato de juniores, nos terrenos em volta do Estádio Municipal. Participaram equipas de Lisboa, Porto e Coimbra. A prova será realizada de manhã e a meta funcionará na pista do Estádio. O percurso é de 6.000 metros.

A Associação de Desportos de Coimbra organizou já os campeonatos da mesma modalidade de

principiantes e juniores. Com a estafeta da Volta à Conraria e os corta-matos de agora tenta-se o ressurgimento do atletismo. Estas provas revestem-se de um aspecto de preparação que, aliás se impõe, por todas as razões e mais uma: a de na próxima época poder já ser utilizada a pista do Estádio do C. I. habé, em organização puramente atléticas.

♦ A A. F. C. concedeu várias facilidades aos clubes que tomam parte no campeonato de juniores, do qual vão já decorridas três jornadas: substituições destinadas às deslocações e oferta de uma bola a cada um deles. Julgamos também útil e proveitosa a ideia da realização de conferências por

DELFIN CUNHA

antigo campeão de natação
faleceu na passada semana

COM a morte de Delfim Cunha, ocorrida na passada semana, desapareceu um dos melhores valores da geração que precedeu a actual. Nadador de largos recursos, magnífico especialista de provas de fundo, manteve-se largos anos em actividade, coleccionando apreciável soma de classificações honrosas, afirmando-se, sem sombra de dúvida, como um dos nadadores mais em destaque na sua época.

Tendo começado a sua carreira desportiva numa colectividade modesta — o Vendedores de Jornais Futebol Clube — Delfim Cunha passou, depois, a representar o Clube de Futebol «Os Belenenses», onde obteve os seus melhores triunfos, e onde, também, praticou andebol, rugby e basquetebol. Era actualmente sócio de mérito do popular grémio da cruz de Cristo.

No entanto, como nadador que Delfim Cunha atingiu posição de justificado relevo no desporto nacional.

Quando do I Portugal Espanha em natação e «water-polo», disputado na doca de Belém, nos dias 7 e 8 de Agosto de 1926, foi Delfim Cunha seleccionado para a representação nacional. Participou nos 1.500 metros-livre, tendo-se classificado em quarto lugar com 27 m. 16 s., e fez parte da equipa A de 4x200 metros-livres, ao lado de Hermano Patrón, B. Butler do Carmo e Manuel Cardoso.

Nas Pequenas Travessias de

técnicos de reconhecido mérito que aquele organismo convidaria para esse efeito.

É por que não pensar desde já na realização de encontros inter-provinciais, cuja lembrança partiu exactamente da A. F. C. P.

♦ O Lusitania Desportivo Clube está à frente do regional da I Divisão. A sua equipa tem-se afirmado, de facto, a melhor.

Este campeonato não se revelou do interesse que suscitara em épocas anteriores por lhe haverem faltado justamente as equipas que mais o animaram: o Sport e o Miralvas, os dois chamados à II Divisão, por sinal sem qualquer proveito para o primelro que tendo de fazer face à concorrência dos encontros realizados em Coimbra pela Académica e União, apenas acumulou prejuizos que levaram a própria assembleia geral a ex-inguir, em principio, a secção, salvo se qualquer comissão, constituída com esse fim, quizer suportar os encargos que ela acarreta...

♦ O campeonato de basquete prossegue com o seu principal interesse fixado nos encontros Académica-Olivais. O Vitória da Arregaça, com a vitória alcançada a semana passada sobre o Sport, firmou-se numa posição de re-

levo, tornando problemática a classificação de vencido quanto ao seu ingresso no Nacional da II Divisão...

Attingiu, ainda, posição de primeiro plano como jogador de «water-polo».

É, também, oportuno recordar a sua acção noutras provas e noutras distâncias, como por exemplo na estafeta de 3x100 metros, três estilos, na qual, formando equipa com João da Silva Marques e Orlando Serra, muito contribuiu para algumas classificações honrosas de «Os Belenenses», principalmente em luta com o Algés e Dafundo.

O seu nome ficará para sempre na história da natação portuguesa, modalidade a que deu o melhor das suas faculdades físicas, do seu esforço e da sua dedicação, e no historial de «Os Belenenses», e lectividade que serviu durante cerca de duas décadas e onde era muito estimado.

Com Delfim Cunha desaparece um tipo de nadador do passado, homem resistente, afeito às distâncias longas, preferindo as travessias do T. J. e de Lisboa às distâncias curtas, e participante de muitos jogos de «water-polo» realizados nas docas.

levo, tornando problemática a classificação de vencido quanto ao seu ingresso no Nacional da II Divisão...

Parece que os jogadores do Sport não tem correspondido ao interesse que à secção continuam a devotar os seus dirigentes. As faltas aos treinos são constantes...

♦ O União deslocou para Viçeu uma numerosa falange de apoio. Os reforços recebidos agora pela equipa «azul» fizeram redobrar o entusiasmo pelas suas atuações.

Asentidades oficiais e a «Stadium»

Recebemos o seguinte officio da Federação Portuguesa de Tenis:

Tenho a honra de comunicar a V. que em reunião ordinária da assembleia geral desta Federação, realizada no dia 27 de Janeiro último, foi aprovado, por unanimidade, um voto de muito agradecimento ao Jornal que V. tão distintamente dirige, pela colaboração, dedicada e sincera que sempre prestou a esta Federação e, como consequência, ao nosso Desporto.

Campeonato de futebol da Mocidade Portuguesa

A Mocidade Portuguesa tem os seus filiados em plena actividade desportiva. Os torneios das várias modalidades decorrem com interesse, especialmente o de futebol no qual participam dezasseis grupos representando Centros de liceus e escolas de Lisboa.



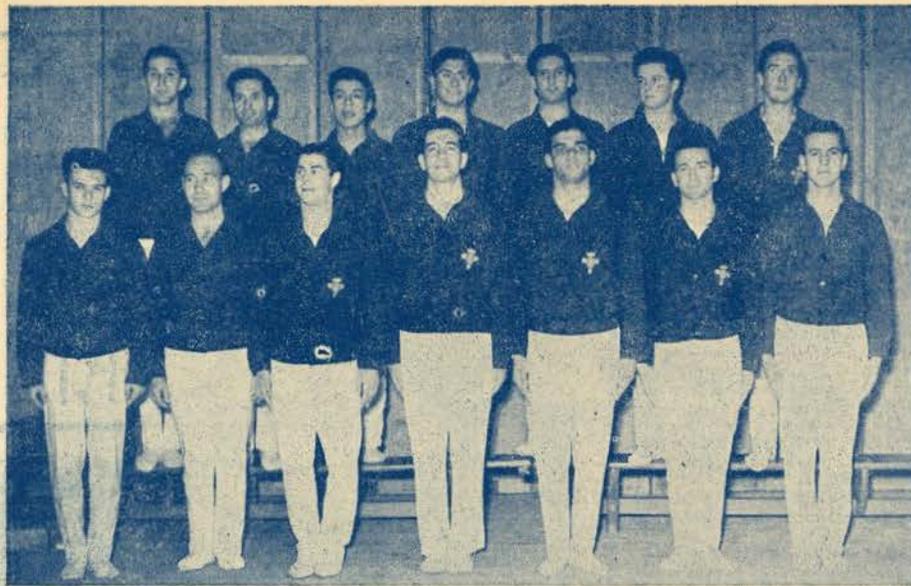
O grupo da Escola Fonseca Beneditos: Baptista; Faria e Martins; Serodio, Lopes e Izidoro; Freixo, Fernandes, Lage, Santos e Rocha



A equipa da Escola Ferreira Borges: Varela; Martins e Correia; Braga, Hipólito e Pinto; Rocha, Gomes, Silva, Férias e Lima.



O grupo do Bairro da Quinta da Colçada: Cunha; Santos e Alves; Serra, Casimiro e Costa; Santos, Feio S. turnino, Achado e Ventura



Concurso de ginástica aplicada no Lisboa Ginásio Clube

No intuito de fomentar a prática da ginástica aplicada, o Lisboa Ginásio Clube organizou um concurso público em que tomaram parte os alunos da classe dirigida pelo professor Roberto Gouveia. A iniciativa demonstra o interesse com que o Lisboa Ginásio acarinha todas as manifestações de cultura física e em especial a sua classe de ginástica aplicada.

Ao concurso concorreram os seguintes ginastas: 1.ª categoria — Joaquim Grangeor e Raul Coldeiro. 2.ª categoria — António Neves, Manuel Pinho, Luis Morquês, Carlos Alberto Silva, Jorge Monteiro e Manuel Prozeres. 3.ª categoria (principiantes) — Ivo M. yst, Fernando Aloys Ribeiro, Eduardo Madeira, Fernando Sousa, José João Mantua e Prista Castano.

O concurso teve as seguintes exercícios:

Mãos livres, cavalo arção, paralelas, barra, argolas e salto de cavalo.

O júri foi composto pelos srs. professor João I. Jante, Álvaro Nogueira e Carlos Vitorino.

Segunda Divisão

Este Campeonato chegou ao ponto culminante. Agora juntam-se todas as energias e o trabalho é mais árduo e mais sério. A segunda fase é rápida: seis domingos. Os desaires não se podem suceder e cada jogo é um problema. Cada vitória um grande passo em frente, e cada derrota um pesadelo. Os clubes vão deixar-se à luta com ganas, mas é preciso lealdade!

Vejam os jogos:

O Vila Real reafirmou a sua superioridade, vencendo com clareza. A primeira parte dos locais foi excelente, decaindo no 2.º tempo devido à chuva intensa que assolou a simpática terra transmontana. O Vianense ofereceu excelente réplicas, mas não suportou o embate com os campeões.

O Baviense enfeitou-se com uma das grandes proezas. Depois de há poucos domingos ter perdido em casa com o Leixões, foi o Matosinhos derrotado. E resultado conclusivo. A equipa sabe com firmeza e segurança. É um grupo de real capacidade, que desmoralizou, prejudicando-se nitidamente. Agora deu um grande passo. Que o saiba aproveitar! E o Leixões não deve precipitar-se. Este pequeno detalhe não lhe

podia estragar a carreira. Os matosinhos não têm a categoria e classe suficientes para reafirmarem um simples resultado.

Feito de se lhe tirar o chapéu, o que o Académico conseguiu. Depois dum final hesitante, parece que recupera. O União é um grupo sólido, batido, e cheio de naturais aspirações. Vencê-lo é trabalho árduo. O Académico com a sua equilibrada equipa alcançou-o. E merece parabéns.

Os simpáticos «gansos» sucumbiram. O que não causa grande admiração. O adversário é de nome: Barreirense, um dos mais sérios candidatos ao título. Gervásio e Ricardo Vale foram elementos preponderantes, na vitória da sua equipa. Eis dois médios de ataque, de características diferentes, que se complementam excelentemente. Ferreira no sexto da linha avançada, promete muito. Não é o irmão de Armando Ferreira Coutinho na linha cassiana, salientou-se. Os outros lutaram muito. A tradicional genética mantém-se. Para o ano o Casa Pia terá uma belíssima equipa.

União de Mantemores confirmou as nossas previsões. Na segunda fase começa a brilhar. Não venceu o Lourado Partimonense? E isto é título que honra qualquer. Dois

acidentes estúpidos (Quintas, do Portimonense, com um pé fracturado e Vitorino, do União, com a perna partida), ofuscaram um pouco o brilho de que o pélo se revestiu. E o desafio não foi jogado com dureza. Parabéns ao União, um clube que Lipp orientou, e que mostra possibilidades. E o Portalegrense fez o outro grande resultado do dia. Ira Faro vencer por 6-2, merece aplausos.

O clube de Portalegre que não dificultada viu a sua entrada na 2.ª fase, mostrou que possuía real valor.

Propositadamente deixamos para o fim o O. Lenteal. Foi ao Barreirense e ganhou. E a C. U. F. I fez um grande resultado. Numa das zonas mais difíceis venceu bem. Com jogo. Com fé. Com alma. A sua afimada equipa derrubou todas as contras. As suas esperanças mantêm-se intactas. V. venha a par das excelentes vitórias, o estádio da Mãe de Deus.

A. J. DE FREITAS

Seguem-se os resultados:

ZONA A

Leixões 2 — Novata 4
Vila Real 3 — Vianense 0

ZONA B

Acad. de Viseu 2 — U. Coimbra 1
Torreense 4 — Guarda 0

ZONA C

Caf. do Barreiro 1 — Oriental 2
Casa Pia 0 — Barreirense 3

ZONA D

União Sport 2 — Partimonense 0
Sp. Farense 2 — Portalegrense 6

As "poules"

de abertura da época

As «poules» que a Sociedade Hípica Portuguesa habitualmente organiza para esta época do ano, devem ter o seu início no próximo domingo no hipódromo do Campo Grande.

Inútil se torna enaltecer o valor do empreendimento que se destina à propagação da modalidade e que serve também de precioso treino para as provas oficiais, que em regra são inauguradas com o Concurso de Maíra.

Este ano serão disputadas duas taças num regulamento semelhante ao de 1919. Na primeira, denominada «S. H. P.», entrarão cavalos e «m-tes» que ainda não tenham ganhado prémios pecuniários em provas de «bistaculo»; na segunda, à qual foi dado o nome do general D. Fernando Pereira Coutinho, poderão inscrever-se todos os outros o que permitirá a presença dos aces que se encontram em Lisboa.

É de lutar a atitude da Sociedade Hípica Portuguesa que apesar das despesas que a organização lhe acarreta, resolveu dar livre entrada no hipódromo, o que equivale a dizer que, sem qualquer despesa, os adeptos do desporto equestre terão, possivelmente até Abil, os portões do Jockey Clube abertos de par em par.

Prevê-se a inscrição de numerosos cavaleiros, facto já de resto verificado no ano anterior. No entanto, esta época o interesse é maior porque se sabe que muitos deles possuem novos cavalos.

Julgamos por exemplo saber que o Internacional R. imão Nogueira tenciona inscrever na primeira série um Alter novr, além do «Congos» e do «Ilustres», já nossos conhecidos, que se apresentarão na série mais importante. Também o internacional José Carvalhosa apresentará, além do «Estimido» — segundo classificado no ano anterior — a «G-zas» que voltou à sua mão, e que faz parte do grupo de montadas de reserva da equipa nacional.

Conta a Sociedade Hípica Portuguesa com a inscrição de algumas senhoras, o que trará uma nota de elegância às diversas jornadas deste torneio de preparação, como não será errado denominá-lo.

Outra medida que convém desde já enaltecer é o facto de se pretender utilizar o hipódromo e não o campo de treinos, o que traz benefícios não só aos concorrentes como ao público em geral.

As primeiras provas devem disputar-se, se o tempo o permitir, no próximo domingo às 15 horas, sendo o traçado dos percursos orientado num sentido de acentuada preparação para as provas oficiais.

ANTAS TEIXEIRA

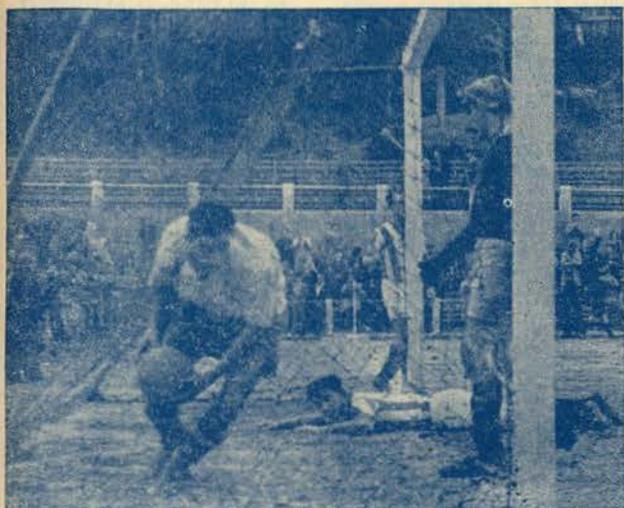


O remate fulminante é desferido mas não atinge o alvo

SETUBAL

arranca
um
belo
triunfo no

ESTORIL



Popiata está batido, desta vez, apesar da sua excelente exibição. É com viva alegria que o homem do Estoril (Nunes) vai buscar a bola ao fundo das balizas



Vieira não chega a tempo de intervir no lance e o perigo passa. Os defesas rodeiam o guarda-redes

Vitória do BUSITANO



Isaurindo executa uma defesa por alto, apesar do ímpeto do atacante do Porto



Uma defesa a soco do guarda-redes, carregado pelo avançado do Porto

O Misto Benfica-Sporting

perde contra Old Boys por 5-0



A equipa do Old Boys que venceu o Misto Benfica-Sporting por 5-0



Azevedo prepara-se para tomar parte numa jogada em que já está interessado um dos defesas do Misto



O Conselho Geral do Sporting tomou a iniciativa de um banquete de homenagem aos srs. drs. António Ribeiro Ferreira e Carlos Gois Mota, respectivamente, presidente e vice-presidente do clube, o qual teve um belo significado (clubista. Presidiu o sr. dr. Adelinho Palma Carlos, tendo à sua direita os srs. dr. Ribeiro Ferreira, prof. André Navarro e dr. Campos Figueira, e à sua esquerda os srs. dr. Gois Mota, eng. De Kirth e tenente-coronel Monteiro Leão. Todos que usaram da palavra vincaram a personalidade dos homenageados, dizendo a necessidade deles continuarem à frente dos destinos do clube, prosseguindo na obra magnífica. Os dirigentes cedaram, e já foram eleitos. O Sporting dispõe dos homens que necessita, e é tudo!

O ATENEU COMERCIAL DE LISBOA
NA POSSE DOS CORPOS GERENTES

AVEJAR MACHADO

presidente da prestigiosa colectividade de educação e desporto, diz-nos o que pensa do novo ano acelista

O Ateneu Comercial de Lisboa continua a sua rota magnífica iniciada há 70 anos. Educação e Cultura Física tem sido o lema sobre o qual tem erguido a sua proveitosa actividade, dignificando-o, dia após dia.

O acto da posse dos seus corpos gerentes efectuou-se há dias. Pela terceira vez consecutiva assume a presidência da direcção Avelar Machado, cuja inteligên-

damente daquela grande parcela da sua população que é constituída pelos trabalhadores do comércio.

«A sua escola, de tão brilhantes tradições, que o próprio Estado a honrou com a oficialização do seu curso, continua a ser um dos objectivos principais da vida do Ateneu. O outro grande objectivo, a educação física e o desporto, mantem-se também dentro das tradições igualmente honrosas



Avelar Machado, eleito para o cargo de presidente do Ateneu Comercial de Lisboa, no momento de assinar o auto de posse

cia têm sido entusiasticamente posta ao serviço do Ateneu.

Momentos após a cerimónia Avelar Machado, que é um excelente camarada, disse-nos o seu pensamento neste início da nova gerência acelista.

— Tenho a esperança de que este meu terceiro ano de director do velho Ateneu Comercial de Lisboa será aquele que me permitirá começar a materializar todo o trabalho desenvolvido até agora para pôr de pé as novas instalações desportivas da instituição. É este o objectivo principal da minha missão e sinto que só com ele poderei compreender e justificar a confiança com que a população associativa do Ateneu me honra uma vez mais.

— Que pensa neste momento do Ateneu?

— Que continua a ser aquela colectividade que desde 1880 tem pugnado pela cultura profissional e física dos seus sócios, nomea-

que tornou o Ateneu conhecido em todo o País.

E a terminar as suas breves impressões o presidente eleito do Ateneu, de lirou-nos:

— Vamos começar a trabalhar e brevemente teremos ocasião de informar todos os amigos do Ateneu da situação já atingida em relação ao objectivo imediato que nos absorve: as obras a efectuar nos nossos terrenos.

A vida prestigiosa do Ateneu Comercial de Lisboa mantem-se, eleva-se cada vez mais e melhor, honrando a sua acção magnífica de tão bela utilidade pública.

GRAVURAS
de Armeis & Moreno, Lda.
Travessa S. João da Praça, 38

• TRÊS •

comentários...

1 Chamado à sede do F. C. Porto, Dias Santos confirmou perante a gerência dos azues brancos o seu ingresso no Sporting Clube de Portugal. Claro que lhe foi dito não consentir o F. C. P. a sua passagem para qualquer outra coligação.

Dias Santos, entretanto, afirmou em resposta: — Isso não interessa. Isso é com o Sporting...

Nesta altura, sentiu-se nos assistentes à conferência algum barulho. Surgiu uma observação:

— Isso é com o Sporting! Não, isso é com o F. C. do Porto! O Dias Santos é nosso corredor, e se no caso houver a lealdade necessária — nosso corredor continuará a ser! Veremos como é...

E pronto, Dias Santos está disposto a fixar-se em Lisboa. Não chega. É a escolher o Sporting. Também não chega. O clube português aguarda agora com certa curiosidade o desfecho, mas está preparado para defender os seus direitos. E faz muito bem. É bom que o respeitem. Caso contrário, que arranjam um motivo sério...

2 Assistimos há dias a um jogo de juniores entre o Porto e o Silveiros, no Campo da Constituição. Vimos actuar pela primeira vez as duas equipas — e não gostamos. O Porto, vencedor, apresentou realmente uma defesa forte (defesa central admirável) e um avançado centro de categoria. O Silveiros, também velleu pela defesa. Quanto a público — como chelo!

Mas a arbitragem deixou-nos muito tristes. Parece impossível que a Comissão Distrital de Arbitros não tivesse indicado para o desfecho um juiz de categoria, uma pessoa imparcial e capaz de conduzir os juniores com o espírito de um professor zeloso e inteligente. Assim não pode ser!

Não descobrimos no árbitro do jogo o mínimo de qualidades para orientar um desfecho de juniores, e a alguns árbitros categorizados, que estavam presentes, pareceu o mesmo. Francamente — assim é andar para trás, senhores da Comissão Distrital...

3 O leitor que anda afastado das tertúlias politico-desportivas não faz por certo a mínima ideia da luta que se estabelece à volta das eleições do A. F. Porto. Hoje, a gerência do A. F. P. não pesa muito, não pesa quase nada, mesmo, no xadrez desportivo nacional. Mas é de bom tom emendar alguma coisa e emendar em alouem. Por isso, só por isso naturalmente, desenvolveu-se a campanha no café, onde é uso e costume ao no Porto fabricar as listas,

Stadium

na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Curiosidades...

O treinador do F. C. do Porto, Augusto Silva, deve resolver a sua situação com o clube norte-nho durante o mês de Fevereiro corrente. Pode ficar, ou não ficar.

Entretanto, na presente altura, seria lamentável que Augusto Silva deixasse de prestar a sua colaboração ao clube de azul-branco. A massa associativa dos camponeses portugueses, assim como os próprios jogadores, estão satisfeitos com o novo orientador técnico. Conhecedores da sua educação e das suas qualidades de treinador, gostariam de o ter muito tempo.

E assim acontecerá, por certo.

A defesa do F. C. do Porto, em 4 jogos sofreu 4 b.l.s (3 do Old Boys e 1 do S. Lorenzo). E jogou com uma autoridade que não surpreendeu quem conhecia o seu valor. Apreciada a 300 e tal quilómetros de distância, porém — a coisa é outra. Faz-se o possível por esquecer a sua existência. Talvez seja bom assim...

O campo da Constituição regista há dias uma formidável enchente: — no jogo Porto-Silveiros, em juniores. No desfecho do dia 31 de Janeiro, entre o Porto e a Vitória de Guimarães, não assistiu metade do público, e isto prova que a rivalidade é o melhor esboço condutor de afeiçoados do jogo. Nisto, felizmente, também o Silveiros é grande.

Não compareceu para arbitrar o jogo Porto-Vitória de Guimarães o árbitro B. J. Marques Leal. Mas parte do público julgou ver-lo no campo de J. S. Serantes... pateou-o no intervalo! Este já, porém, não merecia o desagrado do público e deve ter ficado surpreendido. Só no fim do jogo se desfez o engano, pois o conhecido árbitro libético ouviu palmas ao passar pela bancada dos sócios do F. C. do Porto.

Os portugueses não esquecem o jogo Vitória de Setúbal

estabelecer doutrinas e outras coisas mais...

Por fim, como a eleição se faz, ante o gozo de uns e insatisfação de outros, continuará o Mundo a dar as suas voltas e a considerar-se felizes os vencedores. Os jornalistas mais apixionados, que tomaram a sua posição no debate, também podem continuar satisfeitos e... brincalhões.

A vitória do Old Boys

A derrota do Misto Sporting-Benfica, frente ao Old Boys, que também se exibiu e empalou nesta cidade, causou agradável surpresa nesta cidade. A nós, entretanto, o insucesso não surpreendeu muito.

Dissimos para os leitores de Lisboa, em duas ou três crónicas, que os «boys» não eram inferiores ao S. Lorenzo e ao Racing, e se alguns nas pessoas não acreditaram — fizeram mal. Acreditamos, mesmo, que não se deixassem embalar pelo magnífico empate obtido pelo F. C. do Porto, que esteve aliás próximo de uma vitória de 3-1...

Mas além de considerarmos a equipa do Old Boys capaz de ganhar a qualquer conjunto português, achamos que Lisboa seria mais bem servida se atinhasse antes com o Sporting ou com o Benfica, Um Misto — não se compreenderia...

Também aqui no Porto, quando se anunciou a visita dos argentinos, se lembrava à mesa dos cafés e veladamente nos jornais — que seria melhor o F. C. do Porto reforçar-se com os jogadores a, b, e, c...

Condenamos imediatamente aquilo que se apontava como solução ideal. Fosse qual fosse a lista dos jogadores escolhidos, fosse mesmo qual fosse a «forma» da equipa do F. C. do Porto, defendemos a apresentação do nosso principal grupo, sem «enxerlar» de qualquer natureza.

Todos nós sabemos que uma equipa de clube dispõe de outra garra e de outro espírito de sacrifício ao enfrentar dificuldades. O grupo faz das «stripas» corações, como se diz-se, e nunca deixa assistir ao espectáculo de se enfiar com abandonos, saída ou mudanças prejudiciais.

Logo, não surpreendemos muito com o 5-0 conseguido pelo Old Boys. Primeiro — porque se trata de uma grande equipa. Depois — porque a apresentação de um Misto não nos oferece muita confiança.

Entretanto, lamenta-se sinceramente o desaire. Os nossos amigos espanhóis devem ter criado alento com este resultado, pois não se vão dar com certeza ao trabalho de estudar a causa da copiosa derrota. E os nossos principais clubes tinham o dever de evitar o que aconteceu.

Mas o mal está feito. Agora, será bom que se eliminem os Mistos. O futebol libético, neste caso — era futebol nacional! E estas coisas doem ao mais bairrista!

Porto, ouvimos dizer. Mas não vale enganar a gente...

Vieira da Costa deve ir arbitrar vários jogos a Guimarães. Falámos há dias com o conhecido juiz português, que se mostra satisfeito com o convite e agradado por um passeio que pode ser bom. Bem o merece.

Já que falamos de árbitros de futebol, diga-se que Anírio Morgado não abandonou a ideia de fixar residência em Lourenço Marques. A verificar-se o facto, perderá o Porto um excelente juiz de campo.

Com o presidente e vice-presidente da Direcção do F. C. do Porto, dr. Miguel Pereira e João Silva, conferenciou em Braga o sr. ministro das Obras Públicas. Motivo desta chamada: — os célebres «cestos» de ervão que voam sobre o campo das Antas e pertencem às Minas de S. Pedro da Cova.

Há grandes esperanças no comportamento do Salgueiros no

campeonato nacional da 3.ª Divisão. A equipa está moralizada e tem sido submetida a um treino intenso. Alfredo Valadas mostra saber de seu ofício.

A Associação Desportiva Sinjoesense, como de resto o Académico, colocaram-se à disposição do F. C. do Porto no sentido de lhe facilitarem os trabalhos respeitantes ao jogo contra o S. Lorenzo de Almagro. Este gesto do clube do distrito de Aveiro impressionou agradavelmente os dirigentes do agrupamento português.

A direcção do F. C. do Porto convidou todos os juniores dos clubes portugueses a assistir ao encontro com o S. Lorenzo de Almagro. Por tal motivo, criou um bilhete de entrada grátis, a que deu este o nome: «Expansão Desportiva». Esta atitude é curiosa e digna de elogiosas referências.



Campeonato Regional de Corta-Mato no Porto

Na capital do Norte disputou-se no domingo o Campeonato Regional de Corta-Mato, na categoria de juniores.

As nossas gravuras apresentam: em cima — o grupo de concorrentes à prova. Em baixo — Joaquim Alves, do Académico, e António Ramalho, do F. C. do Porto, respectivamente classificados em 1.º e 2.º lugares.



O Bairro de Inglaterra A. C. inaugurou a nova sede

É um clube de bairro, simpático e dedicado entusiasta do desporto e da beneficência. Vemo-lo nas competições populares com representação em torneios de futebol, atletismo, tennis de mesa e sempre que pode espalhando um pouco de bem pelos mais necessitados. E vai inaugurando o Bairro de Inglaterra Atlético Clube que no passado domingo inaugurou a sua nova sede instalada num edifício na Praceta da Penha de França.

Houve uma sessão solene onde estiveram representadas as colectividades do bairro e presentes muitos convidados. Uma festa interessante que nos garante os bons e úteis propósitos deste clube de desporto e recreio.



Os 58 anos do Clube Naval

O prestigioso Clube Naval de Lisboa está a comemorar o seu 58.º aniversário com várias manifestações que se caracterizam pelo entusiasmo que distilam a vitalidade colectiva e a certeza de que o Naval de Lisboa continuará a excelente missão que há meio século vem desempenhando em favor dos desportos náuticos.

Efectuou-se há dias o tradicional banquete de confraternização — uma festa simpática onde ao lado dos novos se sentaram figuras que ajudam intrinsecamente ligadas ao clube, desde velhos tempos. Evocou-se a história da fundação do Clube Naval, como o fez o sr. comandante Joaquim Leite, pronunciaram-se palavras entusiásticas e de fé e vitalidade, salientando-se o discurso do sr. Alberto Tota e seguiram-se vibrantes e calorosos vivas.

As nossas gravuras focam dois aspectos desse banquete. Em cima na mesa da presidência, onde se vêem o sr. Alberto Tota, presidente da associação geral, tendo à direita os srs. dr. Gonçalves Rosa representante do Governador Civil de Lisboa, comandante Joaquim Leite, comandante do clube, Frederico Burnay, contra-comandante, e tenente coronel Adriano D. res. representando a Administração do Porto de Lisboa. À esquerda, os srs. dr. S. Iazar Carreira, inspector dos desportos, Amadeu Pires do Conselho Fiscal, dr. José Pontes, sócio honorário e comandante Filipe de Sousa, da Polícia Marítima.



OS DESPORTISTAS DO REMO homenagearam Leopoldo Lerfheld

Um grupo de dirigentes e praticantes do remo, acompanhando o presidente da Federação Portuguesa, sr. comandante Valente de Araújo, ofereceram um banquete ao sr. dr. Leopoldo Lerfheld, técnico de grau de categoria desta modalidade, que deixa Lisboa por ir fixar residência em Angola.

A manifestação, embora se rodeasse de certa timidez, vinha o belo e dedicado trabalho que o dr. Lerfheld tem desenvolvido no desporto do remo, quer como praticante assíduo quer como orientador técnico de tripulações, entre as quais as que têm representado Portugal em competições internacionais.

A nossa foto dá um aspecto desse banquete, presidido pelo sr. comandante Alvaro Vilente de Araújo, tendo à sua direita os srs. dr. Leopoldo Lerfheld, e tenente-coronel Pereira Dias, e à esquerda os srs. Francisco Duarte e Frederico Burnay.